

Carolina Martins Tenório

e-mail: cmt1986@yahoo.com.br

Cleiton Garcia Barbosa

e-mail: cleitonbiblio@hotmail.com

Regiane Alves de Assis

e-mail: regiane.alvesdeassis@yahoo.com.br

Resumo

O presente trabalho discorre sobre a literatura de cordel como fonte de informação. Contextualiza o cordel no cenário da cultura popular e mostra como esta vertente cultural interage com as culturas de massa e erudita. Mostra a comunicação como meio de transmissão e interação entre as diferentes culturas. Versa sobre os aspectos históricos da literatura de cordel e as ilustrações que acompanham os folhetos, bem como os assuntos que este gênero literário abrange. Verifica na literatura científica e em produtos culturais a utilização do cordel como fonte informacional e como esta se insere em diferentes áreas do conhecimento. A literatura de cordel revelou-se fonte de informação para além dos temas tradicionais, mostrando grande diversidade de assuntos e facilidade em permear diferentes áreas do conhecimento.

Palavras-chave: Literatura de cordel. Fonte de informação. Cultura popular. Comunicação. Ilustração.

Introdução

Dentre a diversidade de expressões da cultura popular está a literatura. No cenário da literatura feita de forma popular, o cordel destaca-se. Com forte presença no nordeste, o cordel, nascido em terras européias, carrega hoje traços tipicamente brasileiros.

Esta literatura traz em seus folhetos histórias fantásticas, comédias, romances. Sempre utilizando uma linguagem acessível e cheia de ritmo; o que facilita a transmissão e assimilação de seu conteúdo por parte dos leitores e/ou ouvintes.

Mas não é apenas ao imaginário que os cordelistas emprestam seus versos. Entre o conteúdo informacional dos folhetos estão assuntos ligados à política, história, problemas sociais e de ordem pública e temas ligados à saúde e medicina preventiva.

Com a diversidade de assuntos que aborda e com uma linguagem poético-visual, o folheto de cordel atrai olhares e é – ou foi - fonte de inspiração para grandes escritores. Dentre os autores eruditos admiradores do cordel estão Carlos Drummond de Andrade e Guimarães Rosa.

A admiração entre cordel e grandes autores é recíproca. Clássicos da literatura mundial já podem ser lidos em adaptações produzidas por cordelistas e ilustradas pelos artistas responsáveis pela xilogravura no cordel.

Mesmo com a força que carrega e com a admiração de grandes autores, a literatura de cordel ainda é pouco difundida e utilizada, sobretudo, em unidades de informação.

Embora seja a literatura de cordel potencial fonte de informação e um meio de comunicação de linguagem acessível, ainda são poucas as bibliotecas que possuem folhetos em seu acervo. Seu potencial informativo deixa, desta forma, de ser explorado.

Neste sentido, o presente trabalho versa sobre a literatura de cordel como fonte informacional. Para tanto, verificaremos na literatura científica e em produtos culturais a utilização do cordel como fonte e meio de transmissão da informação.

Situando o leitor no contexto em que a literatura de cordel está inserida, iniciaremos o trabalho com um capítulo sobre cultura popular e como esta vertente cultural interage com as culturas de massa e erudita.

Abordaremos ainda aspectos históricos do cordel, bem como a ilustração que acompanha seus folhetos. Finalmente, apresentaremos a literatura de cordel como fonte de informação e como esta se insere em diferentes áreas do conhecimento.

Cultura popular, comunicação e suas dinâmicas

A cultura é o que dá sentido à vida humana. Todo ser humano é dotado de cultura e esta é a sua essência. A cultura é construída na vida em sociedade e é pelo meio social que a transmitimos e a transformamos. As diferentes culturas interagem e a todo o momento revelam traços umas das outras.

Quem nunca se viu diante da questão “o que é cultura?”. Certamente a resposta não é fácil. A dificuldade de se definir cultura talvez esteja em sua diversidade, pois ela pode ter, dependendo do contexto, diversos significados e pode ser expressa de diferentes formas (EDGAR; SEDGWICK, 2003).

Para Silva e Souza (2006, p. 216) cultura é o “registro de um povo” e representa sua maneira de pensar e agir diante do mundo, ou seja, ao passo que o indivíduo se vê percebe também a sociedade em que vive.

Nas palavras de Oliveira (2002, p. 156), “a cultura não é sempre a mesma. Apresenta formas e características diferentes no espaço e no tempo”. O cordelista Moreira de Acopiara (2006, p. 2) nos mostra que a cultura pode se expressar em elementos materiais e imateriais:

[...] Em tudo você vai ver
 Uma dose de cultura;
 Nas roupas que nós vestimos,
 Na nossa literatura...
 Os cocos e as emboladas
 São a cultura mais pura.
 [...] E pra concluir: cultura
 É algo bem natural;
 São lendas, crenças de um povo,
 É território atual.
 São histórias, são costumes,
 E é progresso social.

Chauí (1996, p. 14) nos diz que a cultura vista de forma ampla “é o campo simbólico e material das atividades humanas, estudadas pela etnografia, etnologia e antropologia, além da filosofia”.

Como lembra a autora, existe uma definição restrita de cultura que é aceita socialmente. Este conceito está ligado à cultura como um “bem” que se adquire e é adquirido somente por uma parcela privilegiada da sociedade:

[...] articulada à divisão social do trabalho, tende a identificar-se com a posse de conhecimentos, habilidades e gostos específicos, com privilégios de classe, e leva à distinção entre cultos e incultos de onde partirá a diferença entre cultura letrada erudita e cultura popular (CHAUI, 1996, p. 14).

Este ponto também é discutido por Milanese em A casa da invenção. O autor evidencia que em determinadas classes sociais a cultura é sinônimo de sabedoria: ter cultura é ter “posse” do saber (MILANESI, 2003).

Partindo dessa visão errônea de cultura como “sabedoria” ou “posse” de conhecimento, dá-se a divisão entre os “cultos” e “incultos”. Esta divisão leva a uma conclusão equivocada de que apenas os “cultos” possuem cultura e as demais camadas sociais são desprovidas desta.

Penço (1995, p. 31) explica este pensamento: “esta é a maneira de pensar que herdamos dos colonizadores, para quem uma das diferenças entre a ‘elite letrada’ e o ‘povo iletrado’ é que ela ‘tem cultura’, e ele não”.

Vimos que a cultura faz parte do ser humano e é desenvolvida na sociedade onde vive por meio da interação com outros indivíduos. Desta forma, cultura é o agir, pensar, viver, produzir, expressar e transformar de um povo.

Concordando com Maciel (2010, p. 2), “a cultura é o que modela o homem” e, por sua vez, não haveria cultura se não fosse a existência humana, já que esta é criação do próprio ser humano.

Percebemos que a cultura também não é única. Ela é plural e dinâmica. A diversidade das expressões culturais é muito grande, assemelhando-se à diversidade de conceitos atribuídos ao termo “cultura”.

Em certas ocasiões as diferentes culturas se encontram. A cultura popular tem seus encontros com a cultura de massa e esta última encontra-se também com a cultura de elite (BOSI, 1992). Sendo assim, como distinguir as “fronteiras” entre as culturas popular, erudita e de massa?

É sabido que os diferentes tipos de cultura não se desenvolvem isoladamente, mas sim interagem e contribuem para a transformação umas das outras. Para entendermos a dinâmica entre essas culturas conheceremos o conceito de cada uma delas.

A cultura erudita ou de elite é tida como aquela produzida em ambiente acadêmico e sua transmissão dá-se, principalmente, por meio da escrita. Esta cultura é produzida e representada pela classe dominante (OLIVEIRA, 2003).

Já a cultura de massa, produto da indústria cultural, é transmitida pelos meios de comunicação de massa e visa a atingir um público genérico atingindo diferentes camadas socioeconômicas (OLIVEIRA, 2002).

A indústria cultural incorpora elementos das diferentes culturas e as transformam em um “produto”. Em outras palavras, a cultura de massa transforma os objetos culturais em “bens de consumo”, ditando assim novos padrões de consumo e comportamento (OLIVEIRA, 2002).

Mas, e a cultura popular? Como é definida? Assim como o próprio conceito de cultura, definir cultura popular também não é uma tarefa fácil. Muito recorrente na literatura é a equivalência dos termos “cultura popular” e “folclore” (ARANTES, 1995), como no caso da Carta do Folclore Brasileiro.

Neste documento, cultura popular e folclore são termos entendidos como sinônimos, conceituando-os como o “conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativo de sua identidade social” (COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE, 1995, p.1).

Vindo do inglês folk-lore que significa “saber do povo” (CAVALCANTI, 2002, p. 1), o termo “folclore” foi cunhado por William John Thoms em 1846. É definido por Cascudo (2001, p. 240) como “[...] a cultura do popular, tornada normativa pela tradição”. Portanto, para o autor o folclore é a própria cultura popular e é esta posição que tomaremos neste trabalho.

Dada a diversidade de conceitos atribuídos à cultura popular, adotaremos neste trabalho o conceito descrito na tese de Cristiane Nepomuceno. Nesta definição a autora fala da cultura popular que perpassa a tradição e possui característica dinâmica e transformadora. Na cultura que ao passo que se moderniza e se transforma, também não esquece suas raízes:

À própria cultura popular e ao povo cabe reinventar, recriar e ressignificar o seu saber e o seu saber-fazer. Revelar a todos que seu universo vai além da conservação, preservação ou resgate, tampouco pré-moderna e atrasada. Necessário se faz apreender a cultura popular como resultado de momentos históricos específicos e conseqüentemente dinâmica, apta a apropriar-se das práticas culturais mais diversas e adaptá-las ao seu cotidiano (NEPOMUCENO, 2005, p. 31).

Dentre as diferentes expressões da cultura popular elencadas por Moreira de Acoiara (2006) está a literatura de cordel. E tão dinâmico como a relação entre as culturas, o cordel, advindo de terras européias, possui características tipicamente nordestinas.

O cordel nordestino é um grande exemplo de como as diferentes culturas se “interpenetram”. Entre os diversos temas abordados em seus folhetos, a literatura de cordel também demonstra um olhar crítico sobre a cultura de massa.

A literatura de cordel também serve de fonte e inspiração para produções da cultura de massa. Um exemplo recente é a novela Cordel encantado que se utiliza de uma narrativa muito próxima a do cordel.

Nesta novela o mundo imaginário e a realidade do sertão nordestino se encontram. A abertura da novela é inspirada na arte da xilogravura. O repentista Miguel Bezerra ficou encarregado das chamadas da novela antes de sua estréia (CORDEL ENCANTADO, c2011).

Como vimos, de um modo ou de outro, as culturas se encontram e interagem. As barreiras entre as diferentes culturas não são intransponíveis e estas “comunicam-se permanentemente” (CAVALCANTI, 2002, p. 3). Cavalcanti (2001, p.4) explica muito bem essa “travessia” pelas fronteiras das diferentes culturas:

Cultura não são comportamentos concretos, mas sim significados permanentemente atribuídos pelos homens ao mundo. São fatos e processos que atravessam as fronteiras entre as chamadas cultura popular, erudita, ou de massa, e

mesmo os limites entre as diferentes camadas sociais. São veículos de relações humanas, de valores e visões de mundo.

Assim como sem a existência do ser humano não existe cultura, da mesma forma não existe cultura sem comunicação. É por meio da comunicação, independentemente do tipo, que o homem transmite seus sentimentos, conhecimentos, vivências, crenças e, enfim, a própria cultura.

O termo comunicação aparece pela primeira vez nos mosteiros, por meio da prática *communicatio*, que seria “cear juntamente com os outros”. Etimologicamente, pode-se distinguir três elementos da palavra: uma raiz *munis* (estar encarregado de), acrescido do prefixo *co* (reunião), completada pela terminação *tio* (reforçando a idéia de atividade) (HOHLFELDT; MARTINO; FRANÇA, 2001).

Segundo Melo (1998), a comunicação desempenha um papel fundamental no mecanismo de formação e evolução de uma cultura. Por se tratar de um processo social básico, a comunicação permite troca de práticas de vida, usos, costumes e concepções. É através desta que as gerações mais velhas transmitem às gerações mais novas, suas convenções, tradições e experiências.

Nas principais teorias, comunicar é o ato de se relacionar, de trocar idéias e consciências, mensagens, informações, indo de acordo com a etimologia da palavra.

Mas não é somente por meio de situações entre pessoas que a comunicação ocorre, nos comunicamos através das mídias, via web, visualmente, indo além da conversa pessoal.

Os novos teóricos da comunicação (NOVA, 2004) defendem que o ser humano não se comunica nem se informa, mas que fazemos uso daquilo que nos interessa. Segundo Marcondes Filho (2008, p. 16) “a comunicação só existe quando eu me volto a ela e a incorporo como algo para mim”, ou seja, só haverá uma interação de acordo com o interesse de cada um. Esta interação deve se modificar internamente, mudar a pessoa, o mesmo vale no processo da informação.

Neste sentido a literatura de cordel como um meio de comunicação, retrata a cultura do povo nordestino através da expressão de seus valores, convidando a refletir acerca da realidade da sociedade em que vivemos, possibilitando a inserção de idéias e dessa maneira influencia e modifica o leitor por meio de seus folhetos (SILVA, 2010).

Indo pela vertente da transformação, a literatura de cordel evoluiu, passando da comunicação oral para a comunicação escrita, e atualmente modificou a forma de se comunicar com seus leitores, se desprendendo de seu suporte tradicional, o folheto, e indo para o mundo digital.

De acordo com Diniz (2004) o uso da internet permitiu que a literatura de cordel fosse vista como uma “novidade” e garantiu a sobrevivência dos cordelistas, que não dependiam mais de um único suporte para a produção de sua arte.

Para Sousa (2007) a literatura de cordel no meio digital é denominada: cibercordel, que de acordo com o autor se constitui em uma “sinergia entre as formas de narrar o cordel com a interatividade e conectividade desterritorializada e simultânea do ciberespaço” (SOUSA, 2007, p. 6).

A utilização da literatura de cordel pode ser vista através de sites, blogs e redes sociais (Orkut, Twitter e Facebook). Esta nova forma de se comunicar e manter viva a tradição do cordel também permitem que surjam novos autores e novas formas de colaboração.

Esta colaboração vai ao encontro com as novas teorias da comunicação de que a emissão não tem relação com a recepção, pois constituem-se em diferentes processos: qualquer pessoa pode emitir, comunicar, divulgar, transmitir sinais, ao contrário da recepção, aonde a pessoa pode aceitar ou não o código passado pelo emissor (NOVA, 2004).

Na teoria clássica, de acordo com Pignatari (1980) para que a transmissão de ideias transforme-se efetivamente em informação é necessário ter um canal de comunicação (suporte) que possua uma fonte e um destino. Na fonte estará um emissor que através de um código - conjunto de sinais preestabelecido como, por exemplo, nosso idioma - se comunica com o receptor (destino) que decodifica este código transformando a mensagem em informação. Lembrando que este canal está sujeito a interferências, como ruídos e redundâncias.

Embora cada teoria defenda um ponto de vista sobre a forma que as pessoas se relacionam e se comunicam, as duas se aplicam em diferentes contextos. A clássica no suporte tradicional (o papel) e a nova através dos meios digitais, onde as pessoas têm oportunidades de expressar mais e ter uma maior visibilidade, porém, com a desvantagem de nem sempre ter um retorno.

Como exemplo de que qualquer pessoa pode emitir e divulgar suas ideias, as famosas pelepas dos folhetos de cordel foram incorporadas no meio digital e não perderam seu dinamismo, e seus leitores podem acompanhar tanto o resultado final desse embate quanto a sua construção através de conversas online, e-mails, etc., mantendo a vivacidade e criatividade tradicional da literatura de cordel (AMORIM, [2008?]).

São vários os meios de se comunicar e a literatura de cordel já transitou por algumas delas como a TV, o rádio, o jornal, os folhetos e agora através da internet mantém

todo o emaranhado de tradições e crenças intrínsecas nas manifestações artísticas e intelectuais, ademais as características humanas, as raízes sociais aperfeiçoadas e preservadas através da comunicação dos indivíduos em sociedade (MACIEL, 2010, p. 2).

A comunicação como podemos perceber é fator crucial para a evolução e transmissão da cultura, assim como, os meios que se utilizam para disseminar os costumes, tradições e experiências.

Vimos também que a cultura possui diferentes vertentes e dinâmicas, e assim como a comunicação, é incorporada e transmitida de maneiras diversas, mas com o mesmo intuito de manter viva a literatura de cordel.

Literatura de cordel

De origem européia, a literatura de cordel é hoje uma das mais importantes manifestações da literatura popular brasileira. O cordel está presente em todo o Brasil, mas é no nordeste que mostra sua força e é lá que se desenvolveu da forma que conhecemos atualmente (LUYTEN, 2007).

Originária dos romanceiros da França e da Península Ibérica, a literatura de cordel era chamada de pliegos sueltos na Espanha, folhas volantes em Portugal e littérature de colportage na França (PINTO, 2008).

O cordel chegou ao Brasil a bordo das naus portuguesas em meados do século XIX. Recebeu esta nomenclatura porque em Portugal os folhetos eram expostos para a venda em barbantes ou cordões: daí o termo “literatura de cordel” (ÂNGELO, 1996; PAGLIUCA et al., 2007).

[...] na Península
Ibérica, séculos atrás,
Essa arte teve início
Com narrativas orais
Recitadas nos castelos
E nos palácios reais.
E foi com os portugueses
Que essa arte aqui chegou,
Instalou-se no nordeste
E se aperfeiçoou,
Modernizou-se e, em seguida,
Pelo Brasil se espalhou [...] (ACOPIARA, 2009, p. 14).

A “porta de entrada” da literatura de cordel no território nacional foi o nordeste. Em solo nordestino o cordel fincou suas raízes e floresceu: “[o nordeste] revelou ser terreno fértil para o desenvolvimento dessa arte nascida da aridez, crescida na carência e que viceja na adversidade” (VASQUEZ, 2008, p. 12).

O verbete “literatura de cordel”, de acordo com Ângelo ([2003]), foi registrado pela primeira vez em 1881 no Dicionário Contemporâneo de Francisco Júlio Caldas Aulete.

Já o Dicionário Brasileiro de Literatura de Cordel (2005, p. 45 apud VASQUEZ, 2008, p. 11) diz que o termo “literatura de cordel” foi cunhado pela primeira vez pelo pesquisador Raymond Cantel “para designar os folhetos da literatura popular, vendidos nas feiras populares, pendurados em pequenas cordas, cordinhas, cordões”.

Melo (1994, p. 13), nos traz uma definição sucinta do termo “literatura de cordel”: “poesia narrativa, popular, impressa”. Poesia por sua rima e metrificação; narrativa porque conta histórias com começo, meio e fim; popular porque é feita pelo poeta do povo e direcionada para todas as camadas sociais; e impressa por sua forma de apresentação, tradicionalmente em folhetos (TV ESCOLA, 2010).

O grande pioneiro na impressão dos folhetos de cordel é o poeta paraibano, natural de Pombal, Leandro Gomes de Barros (1865-1918). Outros poetas como Francisco das Chagas Batista e João Martins de Athayde seguiram a iniciativa de Barros e, respectivamente, em 1902 e 1908 começaram a publicar folhetos (TERRA, 1983).

[...] Outro grande pioneiro
É Silvino Pirauá,
E entre ele e Leandro
Sempre se perguntará
Quem foi que editou primeiro,
E a dúvida persistirá [...] (HAURÉLIO; SÁ, 2007, p. 18).

O poeta Silvino Pirauá (1848-1913), além de ser parceiro de Leandro na idéia inovadora de imprimir os folhetos de cordel, também é considerado pioneiro da poesia cantada no Brasil. A poesia, desta forma, passa a ser mais bem assimilada pelos ouvintes (VASQUEZ, 2008).

Pirauá também inovou a estrutura do cordel. Passou a empregar a sextilha como métrica deste tipo de poesia e nas pelepas cantadas tornou-se obrigatório que o competidor rime seu primeiro verso com o último do adversário (VASQUEZ, 2008).

A sextilha é a maneira mais comum de se ordenar versos de cordel. Esta métrica consiste em estrofes de seis versos com sete sílabas, seguindo o esquema “ABCDBD” onde o segundo, quarto e último verso rimam entre si (MATOS, 2007; LUYTEN, 2007).

Cada forma de ordenação dos versos exigirá um modo de cantar. A contagem das sílabas em um verso de cordel (sete, no caso da sextilha) dependerá da habilidade de quem está recitando. Um versejador habilidoso saberá quais sílabas deverão ser suprimidas, encaixando-se assim dentro da métrica (TAVARES, 1998).

Embora seja uma métrica rígida, a sextilha confere musicalidade ao cordel. Desta forma, “faz com que qualquer melodia (ou ‘toada’, como dizem os cantadores) feita para uma sextilha possa ser usada para ‘cantar’ os folhetos” (TAVARES, 1998, p. 76).

Por conta desta musicalidade, o cordel é constantemente confundido com o repente. Luciano (2007, p. 36) nos explica este equívoco:

Muitos estudiosos confundem a poesia dos cantadores repentistas nordestinos com a Literatura de Cordel. É certo que sejam irmãs. E como todos os irmãos, sejam, também diferentes.

Em relação às suas dimensões, o cordel apresenta-se, geralmente, em livrinhos de 16 cm por 10 cm. Em extensão, possuem entre oito e 32 páginas. Um cordel entre oito e dezesseis páginas é denominado “folheto” e acima de 32 páginas é conhecido como “romance” (MATOS, 2007).

As principais técnicas utilizadas para ilustrar os folhetos de cordel são: zincogravura (feita a partir de clichês de zinco), xilogravura (matrizes de madeira) e atualmente a policromia (processo de impressão onde mais de três cores são utilizadas).

Os versos e os poetas da literatura de cordel servem de inspiração à música, à produção de filmes, séries e, como vimos no capítulo anterior, novelas. Personagens, como João Grilo de As proezas de João Grilo escrito pelo cordelista João Ferreira de Lima, saem do cordel e ganham novos cenários.

Ariano Suassuna levou este personagem para sua obra intitulada O Auto da Compadecida. Esta história ganhou no ano 2000 uma versão para as telonas com direção de Guel Arraes. Desta vez, o personagem João Grilo é encarnado na pele do ator Matheus Nachtergaele (HAURÉLIO, [2008]; O AUTO DA COMPADECIDA, 2000; ADORO CINEMA, 2000).

Fonte inesgotável de criatividade, o cordel conta com ilustres admiradores como Carlos Drummond de Andrade e Guimarães Rosa. E esta admiração é recíproca: poetas populares buscam inspiração na literatura dita erudita e lançam releituras e/ou adaptações de grandes clássicos como O alienista de Machado de Assis e A megera domada de William Shakespeare (HAURÉLIO, [2008]; CLÁSSICOS RIMADOS, 2009).

Nada passa despercebido pelo olhar do poeta de bancada. Tudo e todos podem virar versos de cordel. Em seus versos, os poetas falam da fome, da seca, das dificuldades. Versam também sobre as festas, as crendices, o cangaço, a religião. Escrevem sobre os acontecimentos do cotidiano e do mundo. Viajam pelo imaginário e

o misturam com a vida real. Mundos e personagens se encontram; o que parecia impossível acontece no cordel.

Na literatura de cordel “a fronteira é fraca entre sagrado e profano, mortos e vivos, terra e céu, santos e bandidos, e até entre Deus e o Diabo” (KUNZ, 2007, p. 27). A parceria entre a tradição e a modernidade também está presente nos folhetos.

Por conta da diversidade de assuntos abordados no cordel, alguns autores “classificaram” os temas do cordel distribuindo-os em grupos ou ciclos. Entre esses autores estão: Orígenes Lessa, Ariano Suassuna, Cavalcanti Proença e Manuel Diégues Júnior.

Literatura de cordel como fonte de informação

Os suportes informacionais evoluem e se transformam ao longo do tempo. Desde as mais antigas tabuletas de argila até a internet, a informação encontra enorme variedade de suportes no qual pode ser inserida e posteriormente disseminada e consultada.

Para Beckman e Silva (1967, apud PASSOS; BARROS, 2009, p. 121), as fontes de informação “constituem o lugar de origem, donde a informação adequada é retirada e transmitida ao usuário [...]”. Já de acordo com Litto (1980, p.1), fonte de informação é “a fonte que registra os dados acerca de alguém ou de alguma coisa”.

Portanto, pode-se conceituar fonte de informação como sendo o suporte (físico ou não) onde a informação está fixada e/ou registrada. Em outras palavras, fonte de informação é onde a informação está armazenada e é passível de recuperação.

Segundo Parker (1986 apud SOUZA 1997, p. 180), as fontes de informação dividem-se em quatro grupos: “pessoas, organizações (comerciais, profissionais, associações), literatura e serviços de informação (serviços computadorizados, escritórios e agentes)”.

As fontes de informação organizada são distribuídas ou classificadas em: primárias, secundárias e terciárias. As fontes primárias são os documentos originais, as fontes secundárias contem informações advindas das fontes primárias e, finalmente, as fontes terciárias “guiam” os pesquisadores para as fontes primárias e secundárias (PASSOS; BARROS, 2009).

As fontes primárias de informação dividem-se, de acordo com Carvalho (2001, p. 8), entre formais e informais:

As fontes formais, são aquelas que têm uma forma, são representadas em suportes físicos (papel, filme) em suporte eletrônico, disquete, CD ROM, são fontes estruturadas. Quanto as fontes informais são as que não tem estrutura, a informação

é transmitida oralmente (conferência, aula) e em suporte eletrônico, na Internet (chats, correio eletrônico, listas de discussão).

Como citado anteriormente, a literatura caracteriza-se também como fonte de informação. Destacamos aqui não a literatura científica de uma determinada área do conhecimento, mas sim a obra literária.

Parafraseando Casa Nova (1998), a literatura como forma de condução do pensamento, caracteriza-se como via de acesso à informação. A autora afirma ainda que a literatura de cordel era a fonte de informação para o povo do sertão nordestino e, por parte de alguns leitores, era vista apenas como uma espécie de jornal.

Sendo um suporte de fácil manuseio e de baixo custo, era através dos folhetos que as camadas populares tinham contato com o noticiário. Por vezes os cordéis eram lidos coletivamente, propiciando a aproximação de indivíduos não alfabetizados com o mundo da leitura e da escrita (MENEZES NETO, 2008).

A linguagem em que o cordelista transmite a informação também contribui para que o leitor prefira informar-se pelo cordel. Este gênero literário trata e transmite o conteúdo de maneira acessível, o que o torna um instrumento de disseminação da informação que atinge diferentes públicos (MACIEL, 2010).

A estrutura, musicalidade e rima do cordel contribuem para que seu conteúdo seja assimilado com mais facilidade por parte de seus leitores e/ou ouvintes. “A forma descontraída e ritmada é peculiaridade dessa vertente literária, que, na construção desses textos, contempla uma leitura simples do fato” (SILVA; SOUZA, 2006, p.217).

O cordelista busca a informação em diferentes fontes e a traduz para a estrutura poética, ou seja, transformam em versos as informações coletadas em diversos meios e suportes informacionais (GALVÃO, 2001).

A literatura de cordel caracteriza-se por sua diversidade temática e torna-se atrativa por conta desta característica. Com isso, torna-se fonte informacional que abarca e percorre diferentes assuntos e áreas do conhecimento como, por exemplo, as áreas de biblioteconomia, saúde, educação e publicidade.

Por sua forma atuante no que diz respeito à disseminação da informação, segundo Maciel (2010, p. 1), a literatura de cordel é um “instrumento de folkcomunicação”.

Termo empregado por Luiz Beltrão em 1967, folkcomunicação designa “todo e qualquer tipo de informação disseminada por meio do folclore ou dos construtos culturais” (MACIEL, 2010, p. 6). De modo geral, folkcomunicação é “comunicação em nível popular” e “está inserida no ato de informar através dos suportes culturais, a exemplo do cordel nordestino” (MACIEL, 2010, p. 7).

Atualmente, a literatura de cordel caracteriza-se como fonte e meio de disseminação de informações “para além dos sertanejos” e serve de inspiração para diversos estudos de âmbito acadêmico (MACIEL, 2010).

Por se tratar de fonte fidedigna de informação “é de suma importância aos profissionais da informação conhecer e interagir com esse tipo de fonte, a fim de conquistar a garantia de sua utilização” (MACIEL, 2010, p. 8).

O poeta cordelista recorre a diferentes meios de comunicação e fontes de informação para compor suas narrativas. Tem como matéria-prima para a criação de seus folhetos o próprio cotidiano.

Não seria exagero dizer que o folheto é o produto do que quer que lhe passe pela frente e venha a estar ao alcance da inspiração, assim como acontecimentos sociais e políticos, estórias correntes na oralidade, personagens histórico-políticos, dramas sociais, catástrofes, revoluções, temas bíblicos, personagens e produções do rádio e da televisão, sonhos, ficção, recriações de filmes (FREIRE, [2002?], p. 9).

A literatura de cordel é um meio de troca de informações (CASA NOVA, 1982). O cordelista é “comunicólogo por excelência” (BRANDÃO, 1991, p. 5). O poeta de bancada permeia diferentes áreas do conhecimento e versa sobre uma infinidade de assuntos e “NADA é estranho à literatura de cordel” (BRANDÃO, 1991, p. 5, grifo do autor).

Como pudemos verificar, o cordelista é a voz do povo e com seus versos atua como verdadeiro transmissor de informações. Informação esta compreensível por leitores e/ou ouvintes de diferentes camadas sociais. A literatura de cordel é uma fonte democrática de informação. Assim como a própria cultura, o cordel é dinâmico e “passeia com desenvoltura” por diferentes temas e áreas do conhecimento (FREIRE, [2002?], p. 10).

Referências

ACOPIARA, Moreira de. **Cordel em arte e versos**. Xilogravuras de Eivaldo Ferreira da Silva. São Paulo: Acatu, 2009.

_____. **O que é cultura popular**. Xilogravura de Eivaldo da Silva. São Paulo: [s.n], 2006.

AMORIM, Maria Alice. **Existe um novo cordel?**: imaginário, tradição, cibercultura. [2008?]. Acervo Maria Alice Amorim: catálogo de literatura de cordel. Acesso em: 25 out. 2011. Disponível em: < http://www.cibertecadecordel.com.br/pdf/existeumnovo_cordel.pdf>.

ÂNGELO, Assis. As origens do cordel. In: _____. **Presença dos cordelistas e cantadores repentistas em São Paulo**. São Paulo: IBRASA, 1996.

- _____. **Uma breve história do cordel**. Xilo: Nireuda. São Paulo: [s.n.], [2003].
- ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- BOSI, Alfredo. Plural, mas não caótico. In: BOSI, Alfredo (Org.). **Cultura brasileira: temas e situações**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1992. (Série Fundamentos).
- BRANDÃO, Adelino. **Crime e castigo no cordel**: (crime e pena no folheto de cordel e no romanceiro folclórico do Brasil). Rio de Janeiro: Presença, 1991.
- CARVALHO, Katia de. Disseminação da informação e informação de inteligência organizacional. **DataGramZero - Revista de Ciência da Informação**, v. 2, n. 3, jun. 2001. Disponível em: <http://www.datagramazero.org.br/jun01/Art_04.htm>. Acesso em: 10 jun. 2011.
- CASA NOVA, Vera L.C.. Cordel e biblioteca. **R. Esc. Bibliotecon. UFMG**, Belo Horizonte, v. 1, n. 11, p. 7-13, mar. 1982.
- _____. De literatura. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CALDEIRA, Paulo da Terra; MACEDO, Vera Amália Amarante (Org.). **Formas e expressões do conhecimento: introdução às fontes de informação**. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1998.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 11.ed. São Paulo: Global, 2001.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Cultura e saber do povo: uma perspectiva antropológica. **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, p. 1-11, out./dez. 2001. Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/pdf/Cultura_e_Saber/CNFCP_Cultura_Saber_do_Povo_Maria_Laura_Cavalcanti.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2011.
- _____. **Entendendo o folclore**. Rio de Janeiro, 2002. Texto produzido especialmente para o Centro de Folclore e Cultura Popular (CNFCP). Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/pdf/Maria_Laura/CNFCP_Entendendo_Folclore_Maria_Laura_Cavalcanti.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2011.
- CHAUI, Marilena. Introdução, como de praxe. In:_____. **Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- CLÁSSICOS rimados: obras célebres como “Os miseráveis” e “O alienista” ganham versões de cordel. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 30 mar. 2009. Folhateen, p. 5.
- COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE. **Carta do folclore brasileiro**. Salvador: [s.n.], 1995. In: BRASIL. Ministério da Educação. Fundação Joaquim Nabuco. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/geral/folclore/carta.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2011.
- CORDEL Encantado: bastidores. **‘Recebi a história e logo veio a inspiração’, diz repentista das chamadas de Cordel**. C2011. Disponível em: <<http://cordelencantado.globo.com/Bastidores/noticia/2011/04/recebi-historia-e-logo-veio-inspiracao-diz-repentista-das-chamadas-de-cordel.html>>. Acesso em: 19 ago. 2011.
- DINIZ, Madson Góis. Do folheto de cordel para o cordel virtual: interfaces hipertextuais da cultura popular. **Hipertextus: revista digital**. v. 1. 2007. Disponível em:

<<http://www.hipertextus.net/volume1/artigo11-madson-gois.pdf>>. Acesso em: 02 maio 2011.

EDGAR, Andrew; SEDGWICK, Peter. **Teoria cultural de A a Z**: conceitos-chave para entender o mundo contemporâneo. São Paulo: Contexto, 2003.

FREIRE, Wilson. **O cordel e suas histórias**: medicina preventiva. São Paulo: Abooks, [2002?].

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Papéis atribuídos à leitura/audição de folhetos. In: _____. **Cordel**: leitores e ouvintes. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. (Coleção Historial).

HAURÉLIO, Marco. A grande travessia do cordel e seus briosos vates pelo gigantesco mar das letras brasileiras. **Discutindo Literatura**, São Paulo, v. 4, n. 19, [2008].

HAURÉLIO, Marco; SÁ, João Gomes de. O cordel: sua história, seus valores. **Revista Cultura Crítica**, São Paulo, jul./dez. 2007, p. 17-21.

HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA Vera Veiga. **Teorias da comunicação**: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

KUNZ, Martine. Cordel, criação mestiça. **Revista Cultura Crítica**, São Paulo, jul./dez. 2007, p. 26-31.

LITTO, Inês M. F. **Fontes básicas de informação**. (Edição preliminar). São Paulo: Ceditext, 1980.

LUCIANO, Aderaldo. Literatura de cordel, literatura brasileira. **Revista Cultura Crítica**, São Paulo, p. 32-37, jul./dez. 2007.

LUYTEN, Joseph M. **O que é literatura de cordel**. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção Primeiros Passos; 317).

MACIEL, Ana Daniele. Informação e cultura: a folkcomunicação no cordel nordestino. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, GESTÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. Os desafios do profissional da informação frente às tecnologias e suportes informacionais do século XXI: lugares de memória para a biblioteconomia, 33., 2010, João Pessoa. **Anais eletrônicos...** João Pessoa: UFPB, 2010. Disponível em: <<http://dci.ccsa.ufpb.br/enebd/index.php/enebd/article/view/103/52>>. Acesso em: 23 mar. 2011.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Para entender comunicação**: contatos antecipados com a nova teoria. São Paulo: Paulus, 2008.

MATOS, Edilene. Literatura de cordel: a escuta de uma voz poética. **Revista Cultura Crítica**, São Paulo, jul./dez. 2007, p. 8-14.

MILANESI, Luís. A cultura do centro. In: _____. **A casa da invenção**. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.

MELO, Veríssimo. Literatura de cordel: visão histórica e aspectos principais. In: LOPES, José Ribamar (Org.). **Literatura de cordel**: antologia. 3.ed. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1994.

MELO, José Marques de. **Teoria da Comunicação**: paradigmas latino-americanos. Petrópolis: Vozes, 1998.

MENEZES NETO, Geraldo Magella de. A Segunda Guerra Mundial nos folhetos de cordel do Pará. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA: PODER, VIOLÊNCIA E EXCLUSÃO DA ANPUH, 19., 2008, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: USP, 2008. Disponível em: <<http://www.anpuhsp.org.br/downloads/CD%20XIX/PDF/Paineis/Geraldo%20Magella%20de%20Menezes%20Neto.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2011.

NEPOMUCENO, Cristiane Maria. **O jeito nordestino de ser globalizado**. 2005. 193 f. Tese (Doutorado) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005. Disponível em: <http://bdtd.bczm.ufrn.br/tesesimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=149>. Acesso em: 15 jul. 2011.

NOVA teoria da comunicação. **Projeto temático de pesquisa FAPESP**. 2004. Disponível em: <[www.eca.usp.br/%2Fnucleos%2Ffilocom%2FFapesp%2520Proj%2520Temat%25202004%2520\(mais%2520recente\).doc&ei=djS3TrDNE8nyggew-c2MBA&usq=AFQjCNF3IN1fEqfyt9LN92vx5HHFV2-abg&sig2=R5D0mhCN39v96YJdakotcg](http://www.eca.usp.br/%2Fnucleos%2Ffilocom%2FFapesp%2520Proj%2520Temat%25202004%2520(mais%2520recente).doc&ei=djS3TrDNE8nyggew-c2MBA&usq=AFQjCNF3IN1fEqfyt9LN92vx5HHFV2-abg&sig2=R5D0mhCN39v96YJdakotcg)>. Acesso em: 16 jun. 2011.

OLIVEIRA, Maria José. Benditos sejam: uma nova maneira de perceber a Literatura de Cordel. In: INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO. XXVI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. Congresso Anual em Ciência da Comunicação, 26., 02 a 06 de setembro de 2003, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte, 2003. Disponível em: <<http://galaxy.intercom.org.br:8180/A3C7D68D-3C3F-4AD2-A342-310326349856/FinalDownload/DownloadId-13B34F0C6001DD7D426562E96E8FC3AF/A3C7D68D-3C3F-4AD2-A342-310326349856/dspace/bitstream/1904/5131/1/NP17OLIVEIRA.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2011.

OLIVEIRA, Pêrsio Santos de. A cultura. In: _____. **Introdução à sociologia**. 24.ed. São Paulo: Ática, 2002.

PAGLIUCA, Lorita Marlena Freitag et al. Literatura de cordel: veículo de comunicação e educação em saúde. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 16, n. 4, p. 662-670, out./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v16n4/a10v16n4.pdf>>. Acesso em: 11 ago. 2010.

PASSOS; Edilenice; BARROS, Lucivaldo Vasconcelos. Fontes de informação em direito. In: _____. **Fontes de informação para pesquisa em direito**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2009.

PENÇO, Célia de C.F. O folclore e meios de comunicação. In: _____. **Antropologia no cotidiano**. São Paulo: HVF Arte & Cultura, 1995.

PIGNATARI, Décio. **Informação linguagem comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1980.

PINTO, Maria Rosário. A evolução da Literatura de cordel. In: INSTITUTO CULTURAL BANCO REAL. **O universo do cordel**. Recife: Banco Real, 2008.

SILVA, Fernanda Isis C. da; SOUZA, Edivanio Duarte de. Informação e formação da identidade cultural: o acesso à informação na literatura de cordel. **Inf. & Soc.:Est.**, João Pessoa, v.16, n.1, p.215-222, jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/455/1506>>. Acesso em: 5 out. 2010.

SILVA, Silvio Profirio da et. al. Literatura de cordel: linguagem, comunicação, cultura, memória e interdisciplinaridade. **Ráidos**, Dourados, MS, v. 4, n. 7, p.303-322, jan./jun. 2010.

SOUZA, Diógenes Lycarião B. de. Ciber-Cordel: uma expressão contemporânea dadinâmica da Literatura Popular em verso. In: Colóquio Internacional de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 12., 2007, Fortaleza. **Anais eletrônicos...** Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2007. p. 1-10. Acesso em: 25 out. 2011. Disponível em: < http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/9/90/GT8-_08-_Ciber-Cordel_-_Diogenes.pdf>.

SOUZA, Terezinha de Fátima Carvalho de. Fontes de informação financeira. **Perspect. Cienc. Inf.**, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 175-188, jul./dez. 1997.

TAVARES, Bráulio. **A pedra do meio-dia ou Artur e Isadora**: literatura de cordel. São Paulo: Ed. 34, 1998.

TERRA, Ruth Brito Lemos. **Memória de lutas**: literatura de folhetos do nordeste: 1893-1930. São Paulo: Global, 1983.

TV ESCOLA. **Programa Salto para o futuro**. Documentário sobre literatura de cordel exibido originalmente em 18 de outubro de 2010. Re-exibição em 03 de janeiro de 2011.

VASQUEZ, Pedro Afonso. O universo do cordel. In: INSTITUTO CULTURAL BANCO REAL. **O universo do cordel**. Recife: Banco Real, 2008.